

**O DISCURSO ICONOGRÁFICO NA IGREJA DO RECOLHIMENTO DE N. SRA.
DOS HUMILDES**

***THE ICONOGRAPHIC DISCOURSE IN THE CHURCH OF THE RETREAT OF OUR
LADY OF THE HUMBLE***

Luiz Alberto Ribeiro Freire / UFBA

RESUMO

Um discurso iconográfico se estabelece nos silhares de azulejos em azul e branco que revestem a nave da Igreja do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Esse discurso segue uma tradição de se colocarem nos conventos imagens alusivas aos “novíssimos” texto bíblico do Eclesiástico para lembrar a comunidade que as virtudes deveriam ser seguidas, e os pecados evitados para que fosse garantida uma passagem fluida e sem percalços nas etapas que se seguiam ao fim da vida: Morte, Juízo, Inferno, ou Paraíso. Na área próxima ao arco cruzeiro o programa iconográfico concentra-se nas virtudes marianas e nas alusões a vida eterna, finalizando no arco cruzeiro com um trecho do Magnificat que justifica a invocação de Nossa Senhora dos Humildes.

PALAVRAS-CHAVE: iconografia; novíssimos; Nossa Senhora dos Humildes; virtudes; Magnificat.

ABSTRACT

An iconographic discourse is established in the blue and white tiles that line the nave of the Church of the Retreat of Our Lady of the Humble in Santo Amaro da Purificação, Bahia. This discourse follows a tradition of placing images in the convents referring to the "The Four Last Things" from the Ecclesiastic biblical text to remind the community that virtues should be followed, and sins avoided so that a smooth passage without mishaps would be guaranteed in the stages following the end of life: Death, Judgment, Hell or Heaven. In the area near the cross arch, the iconographic program concentrates on the Mariana virtues and the allusions to eternal life, ending in the cross arch with an excerpt from the Magnificat that justifies the invocation of Our Lady of the Humble.

KEYWORDS: iconography, *The Four Last Things*, *Our Lady of the Humble*, virtues, *Magnificat*.

O Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes foi fundado pelo santamarense Ignácio Teixeira dos Santos Araújo, filho do boticário Tomaz Teixeira de Araújo e Santos. e de Eugênia do Nascimento de Maria. Era tão grande sua devoção que “construiu na adolescência uma capelinha de barro às margens do rio Subaé, que constantemente era reparada por causa das frequentes cheias do rio” (LOSE e MAZZONI, 2016, p.14-15).

De 1792-93 seu pai e um tio paterno, o Padre José de Araújo Santos, o ajudaram na edificação de uma capelinha de pedra e cal, dedicada a Nossa Senhora, onde cabiam 15 pessoas.

Na ocasião recebeu do Vigário Cônego Requião, a quem tinha servido como sacristão uma imagem da Imaculada Nossa Senhora dos Humildes para ser colocada no altar. Desde então rezava diariamente junto ao colega José de Albuquerque o terço da Virgem (LOSE e MAZZONI, 2016, p.15).

Ignácio fez o seminário e se tornou padre aos 32 anos de idade, “em 1801, ano em que planejou reedificar a capelinha para nela fazer uma Casa de Oração, ou Recolhimento para abrigar virgens cristãs no exercício da piedade” (LOSE e MAZZONI, 2016, p.16).

Seu irmão, o Padre Miguel Teixeira viajou a Lisboa e conheceu a obra das Irmãs Adoradoras, semelhante ao que Ignácio pretendia fazer. “Ao retornar trouxe um órgão, uma imagem das Irmãs Adoradoras que informou o modelo da vestimenta das recolhidas e a notícia do indeferimento da autorização para a fundação do Recolhimento” (LOSE e MAZZONI, 2016, p.16).

O Padre Ignácio sofreu revezes nas suas intenções, que lhes renderam condenação ao exílio por mais de um ano na Ilha de Maré, após ser inocentado, enfrentou a proibição de D. João VI em autorizar fundações de instituições que não fosse de necessidade pública, como orfanatos, ou hospitais. Entretanto,

o fundador persistiu no objetivo e se associou a Ana Roberta da Cruz na criação de uma agremiação de mulheres piedosas que se reuniam aos domingos e dias santos para rezarem o terço e realizarem leituras edificantes (LOSE e MAZZONI, 2016, p.17)

Em 1807 solicitou ao arcebispo permissão para juntar o grupo de oração em uma Casa de Recolhimento. “A permissão foi negada, mas o padre foi incentivado a insistir com o pedido. Nesse ano foram compradas as alfaias para o culto divino: ambula, turíbulo e naveta” (LOSE e MAZZONI, 2016, p.17).

Em 1808 o Padre Inácio e D. Ana Cruz

doaram imóveis e numerário para a construção da casa em pedra e cal, e D. Francisca Maria Soares de Albergaria e Lacerda doou imóveis e dinheiro. O Estatuto do Recolhimento foi aprovado pelo Arcebispo assim como o uso do hábito. A construção do Recolhimento iniciou nesse mesmo ano (LOSE e MAZZONI, 2016, p.17-18)

Era sempre cobrado pelos avaliadores dos pedidos para a fundação do Recolhimento, que houvesse patrimônio e lastro financeiro para a sua manutenção, inclusive se o dinheiro doado estava rendendo juros. O fundador tratou de prover a instituição de bens imóveis e financeiro, bem como de angariar doações da gente do lugar.

Em 1813 a maior parte da edificação foi concluída e conseguida a licença para a fundação de um Recolhimento de Educação para as meninas. “Fica claro que o compromisso com a educação feminina foi acrescido pelas exigências do poder Real aos propósitos piedosos do padre Ignácio” (LOSE e MAZZONI, 2016, p.19-20).

Com a Licença o compromisso com o aumento e consolidação do patrimônio do Recolhimento aumentou consideravelmente, impelindo o fundador a pedir esmolas de porta em porta. “Além das doações materiais e financeiras contou-se com o trabalho voluntário de oficiais dos mais variados ofícios na construção do edifício” (LOSE e MAZZONI, 2016, p. 20).

Esse patrimônio cresce consideravelmente em 1815 com a

herança deixada por D. Francisca Maria Soares de Albergaria e Lacerda constante de 20 mil cruzados e algumas casas, herança que foi contestada judicialmente por parentes da falecida, com ganho de causa pelo Recolhimento (LOSE e MAZZONI, 2016, p.21).

O primeiro Estatuto foi redigido por Padre Ignácio e D. Ana no final de 1815.

Em 1817, dez anos depois de a Instituição atuar em segredo oficial, de portas fechadas, chegou de Portugal a autorização Imperial, aprovando os Estatutos e a licença para fundar o Colégio de Educação, contudo ainda nesse ano foi solicitada alteração no Estatuto, questionando alguns parágrafos, entre eles a crítica de que “em uma casa de meninas não era decente a entrada de homens”. A autorização pretendida chegou em 8 de dezembro de 1818. Na ocasião entraram 12 Recolhidas, seis meninas, nove servas e duas escravas (LOSE e MAZZONI, 2016, p. 22-23).

Aos 60 anos de idade o fundador viu seu sonho se concretizar,

mas estava desprovido de bens materiais, nem mesmo tinha uma casa para morar, construiu ao lado do Recolhimento um pequeno sobrado onde viveu só, sem admitir nenhuma visita. Era modesto no vestir, austero e vigilante com seu rebanho, confessor e conversor exigente. Depois de prolongada enfermidade faleceu em 20 de julho de 1841 e foi sepultado na capela do Recolhimento (LOSE e MAZZONI, 2016, p. 24-25).

O estatuto de 1813 determinou que as meninas que desejavam ingressar como educandas “porcionistas” deveriam ter as seguintes qualidades:

1) serem brancas; 2) não serem menores de 6 anos, nem maiores de 10 anos; 3) não terem moléstia contagiosa; 4) trazerem licença do Prelado e sendo órfãs licença do Juiz das Órfãs; 5) trazerem a mobília necessária para seu uso, cama e mais o que a Regente estabelecer; 6) que seus pais assumam a responsabilidade, com todo vestuário, calçado, roupa lavada, livros e quanto for necessário, obrigando-se os mesmos a pagar pensões mensais que o Prelado arbitrar, para todas as “Porcionistas” em geral, um mês adiantado, obrigando-se igualmente a receber a menina em caso de moléstia, ou solicitavam pagar a este Recolhimento todas as despesas necessárias ao seu curativo (ANDRADE, 1992. pp. 225-237).

Ao completar 15 anos as “Porcionistas” deverão ser requeridas pelos pais ao Exmo. Rmo. Sr. Arcebispo, para as vir receber. Sendo órfãs ou pobres requererá o Juiz dos Órfãos para as mandar receber. Quando as moças declaram não quererem sair, continuam na casa e chegando aos 20 anos serão admitidas como “Recolhidas” (ANDRADE, 1992. pp. 225-237).

O ingresso no Recolhimento dos Humildes na condição de “recolhida” deveria atender aos seguintes requisitos:

1) Ser branca; 2) ter “boa vida” e bons costumes; 3) Saber ler, escrever, cozer, bordar, etc; 4) ter a licença do Prelado; 5) não ser valetudinária e não ter moléstia crônica ou contagiosa; 6) se sujeitar a servir em outros lugares, para onde for nomeada nesta casa; 7) não ser menor de 25 anos ou de 20 anos, no caso de necessidade para servir a cargos; 8) sendo pessoas de bens deve trazer quatrocentos mil réis para o Recolhimento e sendo remediada que traga duzentos mil réis ou alguns móveis que satisfaçam esta quantia, ficando tudo a disposição do Regente. Esta quantia foi aumentada para dois contos de réis a partir de 1897; 9) que seja obrigada a vestir-se enquanto nele estiver. Cumprindo estes requisitos a pretendente trará do Prelado a sua carta de admissão e a Regente marcará o dia da entrada. Não pode jamais entrar neste Recolhimento mulher alguma a título de depósito ou de qualquer outro pretexto, só para curar-se de enfermidades conforme regula o Cap. 5 & 13 (ANDRADE, 1992. pp. 225-237).

A exigência de que as postulantes à condição de recolhida devessem saber ler, escrever, costurar e bordar cumpria as expectativas europeias acerca da educação das mulheres, cujas bases foram lançadas por

Angele Merici e a congregação das Ursulinas fundada em 1536 com um programa de ensino que compreendia ensinar as mulheres a ler, escrever, trabalho em agulha e instrução religiosa, para formar as boas futuras mães cristãs, na falta de fazer piedosas noviças, cuja instrução tinha uma finalidade eminentemente endógena” (CHASSAGNE e GAULPEAU, 1983).

Um novo estatuto surgiria em 1910, quando o Recolhimento foi registrado civilmente, em que fica bastante esclarecido os conteúdos do ensino ministrados na Instituição: A 1ª Mestra e diretora das meninas:

Ela deve ser mais que as outras Mestras, virtuosa, caritativa, afável, prudente, e muito vigilante sobretudo no que toca à boa educação das suas discípulas para que levando-as como pela mão as conduza de grau em grau á inteira perfeição dos costumes e semeie em seus ternos corações a semente dos frutos que hão de colher nas idades futuras por meio de uma boa educação (LOSE e MAZZONI, 2016, p.32-33).

A mestra de Leitura e Escrita deveria ensinar a ler, escrever e contar com perfeição a todas as meninas deste Recolhimento; a Mestra de Costura ensinava

às costuras chãs com tanta perfeição e paciência não as deixando conversar cousas desnecessárias e obrando de sorte que lhe tenham todo respeito. O mesmo observarão as Mestras de bordar e de fazer rendas. Todas tenham a necessária prudência e caridade (LOSE e MAZZONI, 2016, p.33-34).

Os Recolhimentos foram extintos pela Santa Sé em 1922.

Em 1927, o Arcebispo Dom Augusto Álvaro da Silva, sabendo que 15 religiosas remanescentes do Recolhimento Adoradoras Noturnas residiam no Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes fundou a Congregação de Nossa Senhora dos Humildes (LOSE e MAZZONI, 2016, p.34-35).

Todos os bens materiais de valor histórico artístico trazidos pelas recolhidas, legados por herança, manufaturados pelas recolhidas, doados pela comunidade e adquiridos ao longo dos séculos XIX e XX passaram a ser expostos no Museu do Recolhimento dos Humildes, fundado em junho de 1980 pelo Governo do Estado da Bahia.

A rara menção à aquisição e manufatura de objetos que hoje compõem o acervo do museu aparece em um manuscrito relatando as ocorrências no Recolhimento, sem data e assinatura, com o último acontecimento relatado no ano de 1879, nos informa que:

No anno de 1861 botou-se a via sacra no Coro.

No anno de 1845 fez-se os ornamentos de setim bordados a ouro com capa ded'Asperges, quem deu todo custo desta obra foi a *Madre* Maria Joaquina do Sacramento.

Obras feitas antes do anno de 1862.

Lavatorio de mármore na sacristia, 3 pias de agua benta de mármore com pedestal, 2 na Egreja, e uma na varanda a entrada para a Egreja. Trez portadas de mármore nas portas da Egreja, Duas portas de ferro no adro, calçou-se este de novo = ladrilhou-se todo, incluindo a Capella, que se pintou e dourou e concertou. Fizeram-se janelas novas na sacristia com vidraças = Forrou-se o arco couzeiro e dorou-se. Fizerão-se ou pintarão novos painéis (12) Fez-se de pedra mármore o presbyterio da capella mor = Fizerão-se de novo os Altares do Senhor Bom Jesus dos Perdões e dos Afflitos e dourarão-se Fizerão-se 3 imagens de Saõ Sebastiaõ, Saõ Francisco Xavier, e São Roque, com seus diademas de prata. Existem algumas Imagens

de Nosso Senhor [2 r] Crucificação e de Santos oferecidas por devotos externos.

Levantou-se a Igreja e frontespício, e colocou-se um relógio na torre, e um cavilhaõ de sinos afinados.

...

Fizeraõ-se ultimamente 2 veos de cálix, em 1877, um vermelho, outro preto, a fazenda foi comprada com o *dinheiro* das esmolas da Igreja e ouro para bordar deu a *Senhora* Sacristam.

...

Comprarraõ-se 6 castiçaes de platina custaraõ naõ me lembro quanto, servirão pela primeira vez na festa de Nossa *Senhora* dos *Humildes* no anno de 1878... (LOSE e MAZZONI, 2016, p.146-147).

Conforme pudemos constatar nesse relatório, grande parte das obras de talha, douramento, revestimentos azulejares, equipamentos de culto como pias foram realizados no século XIX, antes de 1862.

O edifício apresenta obras de arte importantes de azulejaria, talha, pintura e imaginária na sua igreja, com destaque para o conjunto azulejar em azul e branco da nave, no qual é apresentado um programa iconográfico raro no Brasil. Nele percebemos um discurso através de imagens simbólicas contornadas por cercaduras com motivos pombalinos (barroco tardio), que pregam a renúncia à vaidade; exalta as virtudes marianas, alerta sobre as tentações do demônio e apresenta o caminho do mal, a ser rejeitado e do bem, a ser seguido.

O Programa iconográfico se estrutura a partir da entrada da nave, evoluindo conforme a hierarquia simbólica dos espaços sagrados. Logo a entrada o discurso se estabelece em medalhões, que mostram o diabo conduzindo uma pecadora desesperada à fogueira; em outro um anjo aponta e dirige o olhar da pecadora ao olho de Deus inserido no triângulo que representa a Santíssima Trindade (Deus pai, seu filho Jesus e o Espírito Santo). “No temor do Senhor nada falta, com ele não é preciso buscar outra ajuda. O temor do Senhor é como paraíso de bênçãos, melhor do que qualquer glória ele protege” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. Eclesiástico, 40, 27).

No lado do evangelho, o medalhão logo a entrada apresenta o tema do “Vanitas”, no qual a imagem do “ceifador” um esqueleto com uma foice na mão (a foice que ceifa vidas) triunfa ao lado de uma mesa com ampulheta (o tempo que a tudo corrói) e uma caneta dentro do tinteiro (aludindo ao conhecimento, a vida terrestre espiritual

e contemplativa) e no chão um manto com coroa e cetro mostrando que a morte a todos destrói, inclusive aos reis poderosos.



Figura 1: Painel de azulejos “O diabo conduz uma mulher desesperada à fogueira”. Foto: Luiz Freire.

O tema do “Vanitas” abre o Eclesiastes, palavras de Coélet, filho de Davi, rei de Jerusalém: “Vaidades das vaidades – diz Coélet – vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. Eclesiastes,1,2). E Coélet vai discorrendo sobre tudo que viu, fez, experimentou e obteve, a exemplo da sabedoria e conhecimento, a tolice e a loucura, a alegria, a felicidade, obras magníficas, construção de palácios, plantação de vinhedos, jardins e parques; acúmulo de riquezas para concluir que tudo isso foi em vão, pois a sorte do insensato é a mesma do sábio: a morte e o esquecimento. “Detesto a vida, pois vejo que a obra que se faz debaixo do sol me desagrada: tudo é vaidade e correr atrás do vento (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. Eclesiastes, 2,1-21); “Tudo caminha para o mesmo lugar: tudo vem do pó e tudo volta ao pó (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. Eclesiastes,3,20). Concluiu: “Tudo foi ouvido. Teme a Deus e observa seus mandamentos, porque aí está o homem todo: Sim, Deus fará toda obra vir ao

juízo, tudo o que ela contém de bom ou mau (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. Eclesiastes, 12, 13-14).



Figura 2: Painel de azulejos "O anjo indica a cristã o olho de Deus". Foto: Luiz Freire.

Um painel de azulejos com a seguinte passagem do Eclesiástico intercala os medalhões: "Lembra-te dos teos novíssimos, e não pecaras. Eccl. VII e XXXX." Os Novíssimos tratam da trajetória do homem no final da vida, dos acontecimentos que ocorrem a partir do fim da trajetória terrestre do indivíduo, constituído de Morte, Juízo, Inferno ou Paraíso.

Era comum nos conventos e abadias o exercício mental de lembrar a morte e suas consequências para ativar a vigilância contra as más condutas e a observância das virtudes no sentido de garantir uma passagem tranquila pelas etapas após a morte e conquistar a vida eterna no paraíso celeste.



Figura 3: Painel de azulejos "Vanitas". Foto: Luiz Freire.

Em um dos medalhões de azulejos aparece uma mulher trajando vestes simples, despojadas de qualquer indicio de vaidade, entre um anjo, à sua direita, e o diabo (metade bode, metade humano com chifres), a sua esquerda, ambos lhes mostram as escrituras, mas ela tampa o seu olho esquerdo com um lenço para a falsa escritura e o outro se dirige para a verdadeira escritura escrituras, que o anjo lhe aponta, ficando claro sua opção pelo caminho do bem, das boas ações e das virtudes cristãs.



Figura 4: Painel de azulejos “A verdadeira escritura e a falsa escritura”. Foto: Luiz Freire.



Figura 5: Painel de azulejos “Lembra-te dos teus novíssimos e não pecarás”. Foto: Luiz Freire.

O Eclesiástico é composto por cinquenta capítulos. O de número quarenta, indicado nos painéis de azulejos que exortam a lembrança dos novíssimos, a legenda é “A miséria do homem”, seus versículos sintetizam as razões pelas quais se deviam lembrar dos novíssimos:

Enorme dificuldade foi criada para todos os homens, pesado jugo para os filhos de Adão, desde o dia em que saíram do ventre materno, até o dia em que voltarem para a mãe comum.

O objeto de seus pensamentos, o temor de seu coração, é a espera angustiante do dia da morte.

Desde o que está sentado no trono, na glória, até o miserável sentado na terra e na cinza, desde o que traz a púrpura e a coroa, até o que se veste com o linho cru, não é senão furor, inveja, perturbação, agitação, medo da morte, ressentimento, lutas.

E na hora do repouso, no leito, o sono da noite apenas muda as preocupações: apenas iniciado o repouso, imediatamente, ao dormir, como em pleno dia, ele é cogitado por pesadelos, como quem fugiu da linha de batalha.

No momento de salvar-se acorda, admira-se de que nada havia para temer.

Assim sucede com toda criatura, do homem ao animal, mas para o pecador é sete vezes pior, a morte, o sangue, a luta e a espada, a miséria, a fome, a tribulação, a calamidade!

Tudo isso foi criado para os pecadores e foi por causa deles que houve o dilúvio.

Tudo que vem da terra volta à terra e o que vem das águas volta ao mar.

Toda corrupção e injustiça desaparecerão, mas a fidelidade permanece sempre.

A riqueza mal adquirida, como uma torrente, secar-se-á, é como um raio que ressoa na tempestade.

Quando abre as mãos, ele se alegra, assim os pecadores irão para a ruína.

Os rebentos dos ímpios não são abundantes em ramos, as raízes impuras estão sobre a rocha dura.

O junco que abunda em todas as águas e nas margens do rio será arrancado primeiro.

A caridade é como um paraíso de bênçãos e a esmola permanece para sempre.

Doce é a vida do homem independente e do trabalhador; melhor do que a dos dois é a vida daquele que encontra o tesouro

Filhos e cidade fundada perpetuam um nome; mais do que isso vale uma mulher irrepreensível.

O vinho e a arte alegram o coração; melhor do que ambos é o amor da sabedoria.

Flauta e harpa tornam agradável o canto; melhor do que ambas é uma voz melodiosa.

Graça e beleza deleitam os olhos; melhor do que ambas é o verdor dos campos.

Amigo e companheiro encontram-se no momento oportuno, melhor do que ambos é a mulher com o homem.

Irmão e auxiliar são úteis no tempo da tribulação; mais do que ambos a esmola preserva do perigo.

Ouro e prata tornam a caminhada firme; melhor do que ambos é estimado o conselho.

Riqueza e força engrandecem o coração; melhor do que ambas é o temor do Senhor.

No temor do Senhor nada falta, com ele não é preciso buscar outra ajuda.

O temor do Senhor é como paraíso de bênçãos, melhor do que qualquer glória ele protege. ... (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. Eclesiástico, 40, 1-27).

Nos painéis próximos aos púlpitos e ao arco cruzeiro o discurso se concentra no cultivo das virtudes da Virgem Maria. As cercaduras são no estilo rococó e as narrativas mostram anjos regando com um cântaro flores diferentes, entre elas, o lírio, símbolo da pureza e castidade da Virgem Maria; em outro, o anjo rega uma margarida, que simboliza a inocência do Menino Jesus; noutro o anjo rega uma rosa que brota de espinhos: 'É a Rosa Mística, símbolo da Virgem Maria da qual saiu Cristo como milagroso perfume e renegou o pecado representado pelos espinhos.

Em outros dois medalhões, abaixo dos púlpitos, um anjo com espada segurando um cedro do Líbano, simbolizando Cristo e a vida eterna; no outro um anjo guarda com a espada uma árvore, seria a árvore da vida, ou do conhecimento do bem e do mal, aludida no Gênesis:

Ele banuiu o homem e colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002. Gênesis, 3,24).



Figura 6: Painel de azulejos “Anjo regando um lírio”. Foto: Luiz Freire.



Figura 7: Painel de azulejos “Anjo regando uma rosa que brota de espinhos – A rosa mística”. Foto: Luiz Freire.



Figura 8: painel de azulejos “Anjo regando uma açucena”. Foto: Luiz Freire.



Figura 9: Painel de azulejos “Anjo guardando a árvore da vida”. Foto: Luiz Freire.

No teto da nave há um medalhão pintado com Nossa Senhora em ascensão sendo coroada pela Santíssima Trindade (Deus pai, Jesus – filho e o Espírito Santo representado pela pomba). Pintura atribuída a

Pedro José da Rocha (26 de abril de de 1853-16 de junho de 1889). Estudou desenho com seu pai Macário José da Rocha e dedicou-se à pintura decorativa de prédios. Deixou diversos trabalhos de paisagens, uma tela representando São Cristóvão apagando um incêndio, pinturas de tetos em Salvador, Feira de Santana, etc. Era reputado artista regular (QUERINO, 1909. p. 77).

O arco cruzeiro é ornamentado com uma talha vazada em volutas em “C”, volutas e molduras fitomórficas, arremates em flores e folhas e um medalhão oval com um trecho do “Magnificat de Maria”: “Deposuit potentes de sede” (Depôs os poderosos do seu trono), em cuja íntegra encontramos os argumentos para a invocação de Nossa Senhora dos Humildes.

Magnificat de Maria:

Minha alma engrandece o Senhor e rejubila meu espírito em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humildade de sua serva. Eis que de agora em diante me chamarão feliz todas as gerações, porque o Poderoso fez por mim grandes coisas: O seu nome é santo. Sua misericórdia passa de geração em geração para os que o temem. Mostrou o poder de seu braço e dispersou os que se orgulham de seus planos. **Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes.** Encheu de bens os famintos e os ricos despediu de mãos vazias. Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, conforme o que prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre (BÍBLIA, Lucas 1, 46-56).



Figura 10: Tarja do arco cruzeiro “Deposuit potentes de sede”, madeira entalhada, foto: Luiz Freire.

Na capela-mor o programa iconográfico pictórico se completa com um barrado de madeira pintado com cenas do antigo testamento e da vida de Cristo: “A multiplicação dos pães”, “A velha e a nova liturgia”, “O maná de Deus”, “Adão e Eva – A Virgem com o Menino”, “A Santa Ceia” e “O Anjo e o Sacerdote Melquisedeque”.

O discurso iconográfico iniciado na nave com a lembrança dos novíssimos, com cenas que figuram a alternativa entre o bem e o mau, o céu e o inferno, entre o pecado e a virtude, entre a palavra de Deus e do Demônio; A nulidade das vaidades; a vigilância de Deus, a quem se deveria prestar contas de atos e pensamentos no dia do Juízo Final se conclui com a exaltação da maior promessa do cristianismo, A Vida Eterna, alcançada por uma vida regrada pelos mandamentos de Deus, o cultivo das virtudes e a ênfase nas virtudes da Virgem Maria e de seu filho Jesus, enviado ao mundo por seu pai em forma humana para a remissão dos pecados dos homens e a conquista da vida eterna.

O apogeu da narrativa centra-se no fragmento do Magnificat que justifica uma das importantes virtudes da Virgem, a exaltação dos humildes, origem da invocação da padroeira do Recolhimento, Nossa Senhora dos Humildes. Essas mensagens eram dirigidas especialmente às mulheres recolhidas e educandas do Recolhimento dos

Humildes. Afinal a conduta das mulheres recebeu tratamento específico em alguns dos capítulos do Eclesiástico.

Referências

- ANDRADE, Maria José de Souza. Os recolhimentos baianos – seu papel social nos séculos XVIII e XIX. In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, n.90, 1992.
- BÍBLIA, Português. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulo Gazaglia (Direção editorial). 1 ed. São Paulo: Paulus, 2002. 2206 p.
- BÍBLIA, Português. BÍBLIA SAGRADA, Ludovico Garmus (coord. e trad.). 1. Ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010. 832 p.
- CHASSAGNE, Serge & GAULUPEAU, Yves. L'éducation des jeunes filles il y a cent ans, Catalogue d'exposition, Ruen: 1983.
- LOSE, Alicia Duhá e MAZZONI, Vanilda. Manuscritos do Antigo Recolhimento dos Humildes: documentos de uma história. Salvador: Memória & arte, 2016. 172 p. (Coleção: UMA HISTÓRIA ESCRITA À MÃO; V. 2)
- QUERINO, Manoel Raymundo. Artistas Bahianos; indicações biographicas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909. 207 p. il.

Luiz Alberto Ribeiro Freire

Pesquisador CNPQ 2, Doutor em História da Arte – Universidade do Porto, Portugal; Professor de História da Arte da Universidade Federal da Bahia. Pesquisa a talha na Bahia, arte conventual feminina e outros temas da arte baiana dos séculos XVIII e XIX.